

AMBIENTE

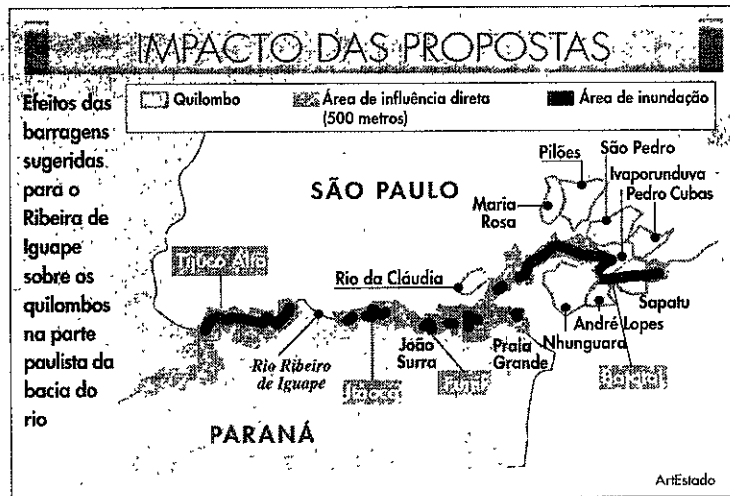
# Moradores de quilombos unem-se contra usina

*Comunidades do Vale do Ribeira temem efeitos da construção de hidrelétrica*

MAURA CAMPANILI

**R**epresentantes das comunidades de quilombos do Vale do Ribeira reúnem-se hoje para uma manifestação na frente da sede do Ibama, em São Paulo, contra a construção da Usina Hidrelétrica de Tijuco Alto. A obra, no Rio Ribeira de Iguape, na divisa de São Paulo com Paraná, foi proposta pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), do Grupo Votorantim. Mas o processo de licenciamento ambiental da barragem está parado desde 1994.

Segundo João Paulo Capobianco, coordenador do Instituto Socioambiental (ISA), as comunidades voltaram a se mobilizar porque o Ibama vai vistoriar o local proximo para expedir o licenciamento prévio. A hidrelétrica de Tijuco Alto



deve aumentar a oferta de energia para a unidade da CBA em Mairinque. O projeto causa polêmica entre prefeitos da região. Para eles, a obra é fonte de prevenção de enchentes e desenvolvimento. Mas ambientalistas e comunidades locais temem os efeitos ambientais e sociais de barragens no Ribeira de Iguape. Único rio de porte médio não-barrado em São Paulo, ele corta o maior remanescente de mata atlântica.

nescente de mata atlântica.

**Impactos** – Em 1994, a hidrelétrica obteve licenças prévias dos governos de São Paulo e Paraná. Liminar obtida em ação civil pública levou o caso para o Ibama, pois o Ribeira de Iguape é um rio federal.

Embora não estejam na área de inundação da represa, comunidades quilombolas, situadas rio abaixo, temem impactos am-

bientais como a contaminação da água do rio (há mineração de chumbo na área) e uma grande enchente, que exigiria a liberação das águas da barragem.

Capobianco, porém, lembra que para combater as enchentes seria preciso construir mais três barragens – Itioca, Funil e Batatal –, projetos da Cesp abandonados por razões socioambientais. “Se essas barragens fossem construídas, oito terras quilombolas seriam inundadas. Além disso, a maior parte dos moradores perderia suas casas. Desapareceria também a igreja de Ivaporunduva, tombada pelo patrimônio histórico.

Comunidades e ambientalistas acreditam que a construção de Tijuco Alto seria o estopim para a realização das outras barragens. Na opinião de entidades que vão participar amanhã do protesto, os benefícios da construção não compensam os riscos. “Ela deve gerar pouco mais de cem empregos na região, que também não será beneficiada pela energia produzida”, diz Capobianco.